

13/4/958



Jean Harlow

PREÇO O JORNAL ESCUDO

O cinema tem nas crianças o seu aspecto sincero?

HÁ muita gente que detesta crianças. Por natural apatia não se condoem com o frenesi bulicoso próprio da miudagem, sobretudo se esta goza saúde e é amante da liberdade. Quando muito consentem a apreciá-las em fotografia, meio seguro de escapar às suas irreverentes tropelias. A essa gente perlecem os que exigem, perentoriamente, nos anúncios dos jornais, quando em busca de casa, «que não haja crianças no prédio»...

Outros, porém, pensam, felizmente para a pequenada, de maneira bem diversa. Entendem que um rapazinho vivo, esperto e traquina, capaz de desesparar as visitas mais sociáveis, é sempre encantador. Eu estou com estes. As crianças são perpetuamente interessantes e a sua tradicional «maldade» não é mais, afinal, do que uma manifestação do seu irrequietismo e da sua vontade de viver.

Um menino mono, género não se mexer da cadeira enquanto a mamã atende as amigas, é no geral linfático e encaminha-se para um romantismo mórbido. Com um excesso de rigor imperdoável, obrigando-o a atitudes fúctias, impróprias da sua idade como, por exemplo, estar quieto, a família suicida-o transformando-o num ser morno, sem vibração interior, sem energia, sem nada.

E, no fundo, as crianças para que se tornem perfeitas, sem perder as suas facultades, necessitam apenas de um bom pedagogo a seu lado, quer seja o pai, a mãe, a áia ou o mestre-escola.

A miudagem tem sido sábiamente aproveitada pelo cinema. Desde Jackie Coogan, o inolvidável garoto do genial Charlot, até às cinco gémeas de Dionne, cuja estreia se anuncia para breve, passando pelos inteligentes protagonistas do belo filme «Emílio e os detectives», são incontáveis os menos de quinze anos que têm passado na tela, quer como vedetas quer como comparsas.

E, da sua acção, ficamos sempre

com a mais grata das recordações. Eles conseguem, sem postição nem patético, dar-nos a verdade da vida através da franqueza da sua interpretação. Além de que a sua arte é tanto mais verdadeira quanto é certo que o apetite do lucro não se lhes impõe como aos adultos que se excedem no intuito de conquistar uma posição cada vez mais rendosa, monetariamente.

Nas crianças tudo é simples como elas próprias o são.

Robert Mc. Gowan que, desde 1921, dirige em Hollywood filmagens de crianças, declarou há dias: «As crianças, perante a câmara, não se preocupam em ficar bonitas ou feias. Também não discutem e fazem tudo quanto se lhes manda. Para elas os ângulos faciais e os efeitos de luz não têm a menor importância. Actuam com perfeita naturalidade e com grande entusiasmo. As estrélas não escondem o seu desgosto quando têm que trabalhar com uma criança porque sabem que esta, no geral, é graciosa e lhe fará concorrência no gosto do público. A única razão deste facto é a naturalidade com que as crianças actuam. As crianças não mudam. O que muda são os objectos que as rodeiam. Quando comecei a dirigir as películas de Hal Roach as crianças brincavam com automóveis. Agora brincam com aeroplanos e aparelhos de rádio. Em «Papás em demasia» há um numeroso grupo de crianças que afinal se parecem com as de há quinze anos. Têm os mesmos gostos e aversões. São entusiastas e divertem-se tanto como os daquela época. Obtenho melhores resultados com crianças do que com pessoas crescidas. As rivalidades e as preocupações dos adultos brilham, entre as crianças, pela sua ausência».

Que melhor elogio poderão os crianças-fobos para mudar de atitude, do que o de Robert Mc Gowan?

OPERADOR N.º 13



Loretta Young demonstra que uma mulher não perde a sua feminilidade, mesmo quando enverga trajes masculinos

MERLE OBERON COMPROU 18 BOINAS!

Merle Oberon, uma das mais belas estrélas inglesas, acaba de comprar, duma só vez, 18 boinas.

— Não quero açambarcá-las, explicou Merle. Mas comprei tantas duma só vez, para ter um sortido razoável para o verão, época em que mais faço uso delas. As boinas encantam-me: são elegantes, práticas e económicas.

Merle Oberon é de opinião de que a

boina é o complemento perfeito do vestido «à sport» e são ideais para usar à tarde. Tem várias boinas, levíssimas, de cores diferentes. Uma azul, por exemplo, tem como ornamento uma pena vermelha, ao lado. Outras estão enfeitadas com alfinetes decorativos e legumes.

Até legumes, calculem!... O que se não vê em Hollywood...



Robert Young, no seu «out-board» «Miss Califórnia»

O «Queen Mary» num grande filme

A primeira viagem do *Queen Mary* terá um papel importante na nova produção de Sam Goldwyn, *Dods worth*, a obra-prima de Sinclair Lewis, que, há três anos, ganhou o Prémio Nobel da literatura.

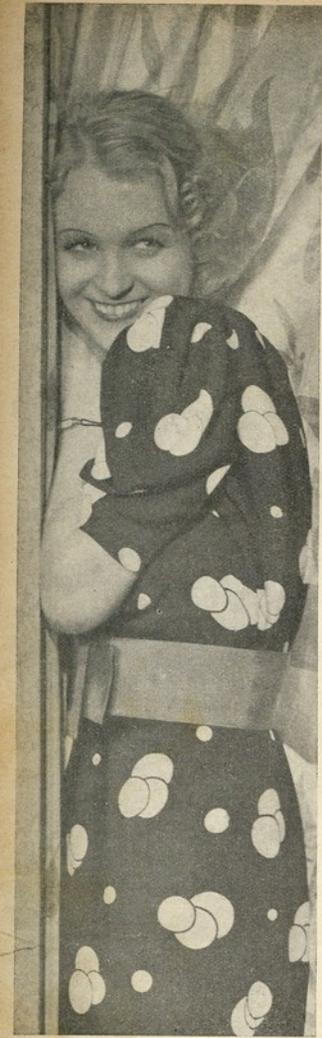
Goldwyn fez um contrato especial com o governo britânico e com a Cunard-White Star para filmar a travessia do Atlântico e a chegada, ao porto, do gigantesco navio.

Harry Perry, um dos melhores fotógrafos de Goldwyn, fez a viagem de ida e volta, a bordo do *Queen Mary*. Filmou dezenas e dezenas de cenas. Nalgumas das quais figura o capitão do navio, sir Edgard Britten, que figurará no filme.

A milésima produção

Com a realização de *One Rain Afternoon*, Jesse L. Lasky festejou a realização do 1.000.º filme produzido sob a sua direcção.

Lasky como sabem, foi, noutros tempos, um dos magnates da Paramount e hoje está associado com Mary Pickford.



Hilda Kruger, a última revelação do cinema alemão

Dr. António de Menezes

Partiu ontem para Berlim, o nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. dr. António de Menezes, que seguiu, para os Jogos Olímpicos, como chefe da equipa portuguesa de «yachting». A Casa Kodak pôs filme à sua disposição para filmar o que se passar em Kiel, visto que também ali irá, na qualidade de jornalista desportivo náutico do *Diário de Notícias e Sports*, semanário onde colabora, regularmente, na secção de vela. Como tomará parte, em Berlim, no desfile do dia de abertura, filmará, ali, esses aspectos e tem já uma pessoa encarregada de registar, em 16 mm., o desfile da representação portuguesa.

Nos dias 23 a 29, o sr. dr. António de Menezes irá a Berlim, a fim de tomar parte no Congresso Internacional de Filme de Amadores, durante o qual se realiza um Concurso Internacional de películas de formato reduzido. Portugal faz-se representar, neste certame, com as produções: *Leixões*, do sr. engenheiro Carneiro Mendes, e *Sonho Infantil*, filme de «marionettes», do sr. Fernando Souto e Sousa.

O sr. dr. António de Menezes fará parte do júri encarregado de classificar os trabalhos.

O CINEMA E OS JOGOS OLIMPICOS

Leni Riefenstahl falou na Emissora Alemã sobre os preparativos para o Filme Olímpico

Leni Riefenstahl, que dirige as produções cinematográficas do Ministério Alemão da Propaganda, falou há dias na Emissora de Berlim sobre o seu próximo trabalho nos Jogos Olímpicos.

Durante os dias em que se disputam os jogos tem sob as suas ordens cerca de 30 a 50 operadores e conta com um consumo de 400.000 a 500.000 metros de filme. A sua reportagem olímpica deve andar à volta de 3 temas que são: 1.ª, A competição; 2.ª, A beleza e 3.ª, A ideia olímpica.

Neste momento os seus operadores estão já trabalhando nos grandes centros desportivos a fim de adquirirem um treino sobre as filmagens do desporto, posto que o êxito da sua obra dependa muito do acaso e do estado do tempo.

Leni Riefenstahl conta levar cerca de um ano a fazer a montagem dos seus 500.000 metros de filme de modo a reduzi-los a 3.000 metros (cerca de 3 horas de espetáculo).

Parece que um dos seus colaboradores será o Dr. Arnold Fanck, o grande realizador de filmes desportivos, especialista nas filmagens das montanhas e da neve. Todas as principais firmas editoras de filmes têm as suas equipas em Berlim para a tomada de actualidades. As firmas alemãs contam editar duas vezes por semana, actualidades sobre os Jogos Olímpicos que serão imediatamente distribuídos por todo o mundo.

A par do grande filme, fazem-se 20 pequenos filmes de vários desportos, com fins educativos e instrutivos.

Para Kiel, onde se realizam as regatas das provas de «yachting» (vela) vai

o conhecido operador Walter Frentz, o especialista das filmagens dos desportos náuticos, ajudado por Walter Traut, um dos operadores de S. O. S. Iceberg, e que acompanhou Rasmussen na filmagem de *Palos Brautfahrt* (A viagem da noiva de Palos?) e há pouco filmou um documentário sobre o Bornéu.

Para a filmagem das provas de remo, há em terra uma pista de 250 metros de comprimento, em que as câmaras poderão deslizar em *travelling*, acompanhando os remadores e fazendo os *ralentis*. Dum baião cativo, também um operador fará filmagens cá para baixo.

No corpo de operadores há os melhores especialistas: Ertl, um dos operadores favoritos do dr. Arnold Fanck; Suzzi Lantschner, especialista em filmar provas hípicas; Kurt Neubert, o mago dos *ralentis*; Ketterer mão direita de Sepp Allgaier, e Willi Zielke, que foi para a Grécia a fim de acompanhar os estafetas que conduzem de Olímpia (na Grécia) a Berlim, através de sete países, os fachos (archotes) olímpicos, bem como Jaworsky e Albert Kling. Os corredores saem da Grécia a 20 de Julho para estarem em Berlim a 1 de Agosto.

Também serão feitas filmagens de bordo de avião, colocando-se a câmara no avião do grande avião alemão Udet, que conduziu o operador nas filmagens aéreas de S. O. S. Iceberg.

O quartel general das filmagens olímpicas é na Hans Ruhwald, e o chefe do estado maior e director das filmagens é Arthur Kieckebusch.

Também serão filmados os Jogos Olímpicos em filme de formato reduzido, pelos conhecidos especialistas Körner e Wunsch.



Pesca milagrosa?... Assim parece, a julgar mos pela graça da pescadora, uma «girl» dos estúdios, que ainda não é célebre

EVOCA-SE A FIGURA DE ANNA HELD, A MULHER DE ZIEGFELD

A pesar de ter sido Florenz Ziegfeld quem na vida real, descobriu a estréla francesa, Anna Held, uma das principais figuras de *The Great Ziegfeld*, afirma-se que essa talentosa artista foi uma auxiliar preciosa, na carreira do grande glorificador de estrélas.

É curioso notar que foi Anna quem o ajudou a desenhar o modelo das primeiras *Follies*, das antigas revistas francesas, quem aperfeiçoou o gosto de Ziegfeld, no capítulo do guarda-roupa, e por estranho que pareça, quem intensificou o seu gosto pelas boas iguarias.

Efectivamente, a paixão de Ziegfeld pelos bons pratos rivaliza com a dos melhores «profissionais». Quando estreou uma das suas revistas em Palm Beach, há anos, levou consigo um cozinheiro perito da cidade de Baltimore, só porque sabia preparar, dum modo especial, a sopa de tartaruga...

Ziegfeld tinha um apetite excelente e comia com prazer. Tinha a mania de, entre as refeições, saborear bombons de chocolate e licor, e, via-se sempre, em cima da secretária uma caixa com doces.

Orgulhava-se, também, de ter inventado menus e no decurso duma temporada em Palm Beach, durante um banquete ofereceu a um grupo de pessoas da sociedade, mandou servir carne

salgada com repólho, o clássico prato popular de Nova York. Naturalmente, havia levado, especialmente para que o preparasse, um dos melhores cozinheiros da grande metropole americana.

Ziegfeld, claro, nunca precisou de mentores para desenvolver o seu gosto pela beleza feminina. Esse seu instinto natural fez com que descobrisse imediatamente a exótica beleza de Anna Held, num teatro de Paris. E os antigos retratos dessa artista francesa parecem-se de modo extraordinário com a beleza de Luiza Rainer, famosa artista vienense, que a encarna em *The Great Ziegfeld*.

Anna Held usava o cabelo à moda Pompadour. Tinha uns olhos de indescritível beleza e quando fitava qualquer pessoa, costumava abri-los muito, para realçar o seu tamanho.

Anna gabava-se da perfeição de linhas de seu corpo, mas era de estatura baixa. Para compensar essa limitação quando apareceu em *A Pequena Duquesa*, mandou tirar o seu retrato, rodeada de oito coristas, com um vestido de longa cauda. Atrás dessa cauda, porém, havia um banquinho que elevada Ana à estatura aprovada pelos regulamentos de Ziegfeld...

O filme evoca-nos a silueta gentil daquela que Ziegfeld tanto amou e que o fez brilhar a grande altura.

AS TRÊS GRAÇAS...



Heli Finkenzeller, Fita Benkhoff e Gina Falckenberg, as heroínas de «Boccaccio»

À Margem do Cinema

EU não sei se os leitores se lembram. Nem da minhas últimas «opiniões», manifestadas nesta secção, diá eu:

«Indiscutivelmente não de existir no nosso País, e fora das fileiras dos artistas de teatro, pessoas com habilidade para o Cinema.

Crêmos firmemente que os americanos, os russos, os franceses, os alemães, não tiraram o exclusivo da arte de bem representar em frente da «câmara». Mas então, — perguntamos, — onde estão os portugueses com possibilidades fotogénicas? Onde estão os personagens necessários à interpretação dum filme, que é sempre preciso ir buscá-lo ao teatro, e sempre os mesmos, para não variar?».

A estas minhas palavras responde, numa carta, no último número do nosso jornal o sr. Patrício Álvares, que entre outras coisas, afirma:

«Por cá, dá-se, precisamente o contrário. O artista que num pequeno papel revelou possibilidades de triunfar, se lhe confiarem trabalho de maior vulto, vê-se excluído, para sempre, do elenco de qualquer outro filme. Entre um artista que só tem dado boas provas e outro que as deu sempre más, por uma coincidência fatal para o nosso Cinema, escolhe-se em regra o segundo».

Ora nós gostávamos que o sr. P. Álvares nos explicasse, quais foram os artistas portugueses que, «depois de revelarem possibilidades de triunfar, se viram excluídos, para sempre, do elenco de qualquer outro filme». E mais: Que nos indicasse qual o artista que, no nosso Cinema, só tem dado boas provas

Só não perguntamos quais os que só têm dado más provas, porque, lutamos com tanta falta de espaço...

Absolutamente de acordo nos confessamos com o sr. Patrício Álvares, quando ele afirma que «o Cinema, como arte espectacular que é, requiere de quem dirige ou nêle actua como intérprete, elementares conhecimentos de Teatro, que o fonocinema veio tornar ainda mais necessários».

De resto, não somos dos que pretendem divorciar o teatro do Cinema. Acreditamos, mesmo, que o pequeno impulso até hoje dado ao Cinema Nacional, se deve, em grande parte, aos artistas de Teatro. Mas, mesmo entre esses, porque escolher para os principais papéis sempre ou quasi sempre os mesmos, não dando a outros ocasião de revelarem as suas qualidades?

E, salvo o devido respeito pelas opiniões alheias, — que são, neste caso, as do sr. Patrício Álvares, pedimos licença para manter de pé a nossa interrogação de há dias: «Onde estão os portugueses com possibilidades fotogénicas, que é preciso ir sempre buscá-los ao teatro, e sempre os mesmos, para não variar?...».

Grupos de «girls»

Estão-se formando na nossa terra grupos de raparigas que, não conseguindo ingressar nas companhias de teatro ligeiro já organizadas, se reúnem para a criação de danças e canções portuguesas. Depois da «Canção Regional Portuguesa», feliz criação de Augusto Soares, outros agrupamentos surgiram, sendo justo destacar-se a «Canção Regional Lusitana», que, sob a direcção artística e musical de Piero e Vasco de Macedo, está marcando uma posição de merecido rélevo.

Consistentemente ensaiadas, essas raparigas que, não conseguindo um contrato permanente, se contentam com alguns espectáculos por mês, que as ajudem no trabalho árduo da luta pela vida, são dignas de admiração e incentivo.

Porém — já repararam que, nestas coisas de teatro e cinema, há sempre um «porém»? — parece-nos, a par da constituição de «ranchos» para números portugueses, não seria demais a organização de grupos que se treinassem em números de dança moderna, que, não fallando à sua missão de abri-lhantar festas e ir ganhando o necessário à vida, seria uma base para a criação daquele grande grupo de «girls» portuguesas, capaz de figurar num filme, — pelo qual andamos pregando, à longo tempo, neste vasto deserto...

Pretendemos, com isto afirmar que não é extremamente simpática, patriótica até aquela ideia de divulgar, em todos os festivais, o folclore nacional? De maneira nenhuma. Quando esses grupos se apresentassem, como estão fazendo, no Estoril ou no «Maxim's», perante turistas estrangeiros que nos visitam, estaria certo que só fossem incluídos nos programas números portugueses. Mas noutras ocasiões, também estaria bem a apresentação de números de «music-halls» no qual os realizadores, coreográficos e musicais, pusessem à prova o seu poder criador e a sua força de vontade, de que tantas provas têm dado.

O Cinema português, precisa para a realização de filhas civilizadas, de filhas com um ar moderno, dum grupo de raparigas alegres, saudáveis, bonitas e gímnasticadas.

Não é com aquelas pequenas que não levantam uma perna a mais de meio metro de altura e não sabem trabalhar num ritmo certo, que há que contar para tal. É preciso ensinar gente nova, gente que nos não envergonhe e nos não corte as possibilidades dum melhor trabalho futuro.

É necessário que tenhamos um grupo de raparigas desempoeiradas, que, podendo trabalhar, dia a dia, nas revistas de teatro, possam igualmente dar a sua colaboração a qualquer filme em que ela seja necessária.

No «Trevo de 4 folhas», Mafalda dança um tango com um conjunto de girls. Mas o efeito é mediocre, precisamente porque as raparigas são poucas e «pouco bailarinas» para que delas se possam exigir grandes marcações. Ora, é necessário que, em filmes futuros, se possa contar com o grande factor de beleza e atracção que constitui um grupo de raparigas como os que vemos nos filmes de Cantor, em que o público não sabe se há-de fixar o máximo da sua atenção no trabalho do artista principal, se na plástica das «girls». E, os grupos que entre nós se estão organizando, como a «Canção Regional Lusitana», a que já aludimos, podem, a par da sua colaboração em peças teatrais e em filmes de carácter regional, irem-se treinando para, em filmes futuros a sua acção ser preciosa e preencher, no nosso meio artístico, uma importante lacuna.

Um novo filme

Porque Brum do Canto, que já tem dado, no nosso meio, bastas provas de que é um apreciável técnico de cinema, consciencioso e sabedor, meteu ombros à realização dum filme, ao qual os jornais já começaram a referir-se. «Canção da Terra», se chama a nova produção, e passaria quasi despercebida na confusão que começa a rodear a produção portuguesa, se não se desse o facto, para nós importantíssimo, de grande parte do novo filme se passar na Ilha da Madeira, um pedaço lindo de Portugal que o estrangeiros já descobriram há muito, mas que não será demais apresentar, num filme, a toda a gente.

Mostrar a Madeira aos portugueses, — eis a grande missão que o novo filme pode ter, e nos parece merecedora de todos os louvores.

Algumas opiniões de personagens célebres

Extraímos de várias entrevistas, vindas a lume em jornais americanos, as seguintes afirmações de personagens célebres:

O meu vagabundo é precioso em demasia para colaborar em frivolidades.

Nunca pretendeu ser um ente satírico. Foi criado unicamente para a pantomima.

CHARLIE CHAPLIN

Pode fotografar-se o rubor? Sim! Desde que se encontre uma estrêla capaz de corar.

JOHN HAY WHITNEY, (produtor)

A televisão pende sobre as nossas cabeças como a espada Democles. E, tal como aconteceu com o som, dará um dia, repentinamente, o «golpe». As possibilidades que esta nova modalidade encerra não têm conta.

MARY PICKFORD

Os filmes de guerra são a melhor e mais eficiente propaganda da paz. Sou de opinião de que os estadistas do mundo inteiro deveriam ser obrigados a ver os filmes que mostram a guerra em toda a sua selvajaria e horror.

JESSE L. LASKY

O cabelo tem uma importância enorme para criar a personalidade. Os momentos cómicos dos filmes de Charlot devem-se, em grande parte, à cabeleira desgrenhada do famoso mimo. Com o cabelo penteado, «fixado» e liso, Chaplin aparecer-nos-ia sob um aspecto inteiramente novo.

LUIS ANDIORI

(criador de penteados e escultor)

Quer queiram quer não, a fortuna duma artista reside na sua inteligência e não na sua beleza.

MIRIAM HOPKINS

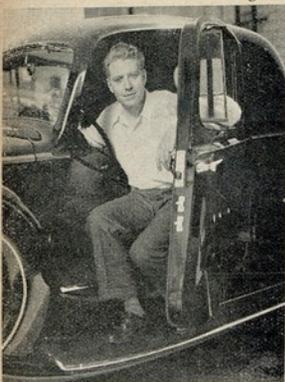
Abandonei o cinema, definitivamente. De hoje em diante, sou um produtor apenas. Não se dá o caso de que o trabalho histriónico me haja deixado de interessar. Mas a verdade é que gosto muito mais de produzir. Realizar um filme proporciona muito mais emoções do que interpretar seja que obras fór.

DOUGLAS FAIRBANKS

Disney é o Miguel Angelo do nosso século. Os seus filmes são obras-primas de Arte Moderna.

GILBERT WHITE

(famoso pintor norte-americano)



Nelson Eddy comprou agora este automóvel...



Jeannette Macdonald chega a sua casa, de regresso dos estúdios



Jean Parker, alegoria da Primavera



Cecília Parker, exímia cultora do «volley-ball»



Alegria do Mar

A alegria do Mar!
Férias... mar azul... Velas brancas,
singrando ao sôpro da brisa da tarde...
Raparigas saúdáveis, de linhas coleantes,
corpos bronzeados pelo sol... Sinfonia pagã,
ao som das ondas...

A alegria do mar!
Mar tranqüilo, mar embravecido. Rochedos,
negros, cobertos de algas, a transpirar iodo!
Ondas verdes que se quebram, franjadas de branco,
sob um céu azul.

A alegria do mar.
Mar que se desfaz em espuma. Águas geladas
e areias ardentes — numa luta eterna,
que se não decide.

A alegria do mar!
Poentes doirados, sob um céu em fogo.
Noites de luar, que espelham nas águas
uma lista de prata!

Sombra, luz, música e alegria!
Alegria do Mar!

RAPSODIA CINEMATOGRAFICA

VAI para dez ou quinze dias que o *Diário de Notícias* publicou na primeira página um artigo ilustrado sobre Wenceslau de Moraes, o curioso escritor português que viveu longos anos no Japão, exercendo o cargo de nosso cônsul. Como sabem escreveu vários livros sobre esse país distante, cuja civilização e costumes têm para nós um aspecto por vezes lendário.

Pois foi tam grande a admiração e a popularidade que conquistou no Oriente e é ainda tam grande a saúde, que, além de várias outras homenagens prestadas e a prestar, vão produzir um filme sobre a vida do autor de «Relance da História do Japão».

É claro que não são empresas como a «Kik Katsus» ou a «Shochikus» que executam a película. A primeira empresa foi fundada vai para trinta anos e tem como especialidade os filmes históricos e a segunda produz obras baseadas nos conflitos vulgares da sociedade actual. É, sim, uma firma intitulada «Associação de Filmes de Educação Nacional» que vai realizar essa extensa película em que entram — segundo as informações do citado periódico — nove actores e que deve ficar concluída ainda este ano. Para o papel de protagonista parece que abriram um concurso com o fim de escolherem um intérprete cuja semelhança física com Wenceslau de Moraes seja a maior possível. Caso não apareça ninguém em tais condições o papel será entregue ao actor Denmei Suzuki, que dizem possuir grande fama.

A acção da película focará não só a vida social mas também a vida amorosa desse escriptor, que os japoneses tanto apreciam e cujos livros imediatamente traduziram para o seu idioma.

Segundo diz o articulista do *Diário de Notícias* o filme correrá em Portugal.

A notícia tem para nós, portugueses, indiscutível interesse, por várias razões. Além da homenagem prestada a um escriptor do nosso país por estrangeiros — facto que me sensibiliza não só pelo seu valor e raridade mas também porque estou habituado a ver desprezar os escriptores nacionais de categoria pelas edições baratas de *escrevinhadores baratissimos*, estilo Veuzit, Delly, Dekobra e quejandos. Além disso temos ensejo de ver um filme oriental e conhecermos certos pormenores desse autor, completamente desconhecido do grande público.

Não julguem, por tudo o que atrás rabisquei, acreditar na veracidade do que as imagens nos vão mostrar nem tam pouco na grande categoria do filme. Películas deste género geralmente não são, e raras vezes podem ser, de grande categoria e a veracidade nos filmes é sempre deturpada, e disso estamos todos nós bem cientes, pois não têm sido poucos os exemplos a que os exhibidores nos obrigam a assistir.

Outra observação, ainda: Como se sabe, os amores de Wenceslau de Moraes, foram frequentes, deram brado e deixaram fama... Ora a censura japonesa «é um caso muito sério». Segundo se afirma são cortadas todas as cenas em que se dão beijos «estilo cinema» ou se assiste a amores entre um homem casado com uma mulher ilícita.

A avaliar por esta amostra não vejo bem como poderão focar a célebre vida amorosa do amante de O-Youné.

Sou daqueles que, como princípio, reprovoo que o cinema seja feito por actores de teatro. Os resultados quasi nunca são satisfatórios embora por vezes surja uma revelação como António Silva.

O cinema nacional tem ido buscar ao teatro a maioria dos intérpretes, como não podia deixar de ser por muitas e variadissimas razões.

Surge agora uma excepção. Vai rea-

lizar-se um filme intitulado «Canção da Terra» e anuncia-se que nenhum dos intérpretes será actor de teatro. Apesar de nos basearmos naquele principio: «nem oito, nem oitenta», aplaudimos com entusiasmo a resolução dos dirigentes da nova película. Vamos lá a ver os resultados obtidos... e queira Deus que sejamos obrigados a negar a expressão latina *in medio est virtus*.

* * *

No número anterior, afirmei, nestas

colunas, que o romance de Dostoievski «Crime e Castigo» — uma obra-prima da literatura —, ao ser transposto para o cinema, pela realização de Pierre Chenal, não originou uma obra-prima da cinematografia.

Li depois no suplemento literário do *Diário de Lisboa*, um artigo de João Gaspar Simões, claro ensaista da moderna geração, intitulado «Das relações do cinema com a literatura» que em certa passagem trata o assunto duma maneira geral. Vou transcrever:



Betty Stockfield, tal como a veremos no último filme de Chevalier, «The Beloved Vagabond»

«Desde já, no entanto, se deve atentar neste pormenor aparentemente insignificante: nenhuma obra-prima da literatura deu ainda uma obra-prima de cinema. E isto só concorre para provar que o cinema é realmente uma arte autónoma. Uma obra-prima pressupõe inteiramente esgotada a matéria sobre a qual o artista a realizou. Ali já não há mais nada a fazer: taparam-se todos os caminhos. Exactamente como a pintura evita os motivos muito pitorescos ou os modelos definitivamente belos, o realizador do cinema deve evitar os assuntos primorosamente tratados».

Como prova desta afirmação o autor de «Eloi» serve-se dum depoimento onde Marcel L'Herbier afirma que: «uma obra muito acabada, muito literariamente perfeita, debaixo do ponto de vista formal, não é recomendável para o «ecran»».

É verdade. Este artigo de Gaspar Simões termina com várias referências sobre o «Trevô de Quatro Folhas», por sinal, muito interessantes e muito justas. E depois duma crítica à infelicidade do argumento cita várias obras literárias de autores portugueses que se prestam a ser adaptadas à realização cinematográfica.

Nós já temos mencionado, em vários artigos e em várias publicações, alguns títulos de trabalhos literários que julgamos apropriados para tal fim, mas achamos curioso arquivar os nomes de que Gaspar Simões se lembrou: «Novelas do Minho» de Camilo, «O Mandarim» de Eça de Queiroz, «A Paixão de Maria do Céu» de Carlos Malheiros Dias, «O Malhadinhas» de Aquilino Ribeiro e certas páginas de Fialho de Almeida e Raúl Brandão.

É sempre bom lembrar as obras existentes que se prestam, para ser adaptadas ao cinema, para que não possam defender, por este motivo, argumentos que não prestam para coisa nenhuma.

* * *

Assisti um dia destes a determinada *malandrice-legalizada* que, não sei bem porque, me fez pensar nesses simpático velho de oitenta anos que se chama George Bernard Shaw.

Ele, que tanto tem escrito, devia escrever muito mais para que o seu sarcasmo filosófico pudesse chicotear todos os preconceitos que nos impõem ofendendo a inteligência e atrofiando a personalidade. Depois comecei a pensar que interessante seria que o autor da «Santa Joana» colaborasse num filme com as suas ideias tam paradoxais e tam variadas. A película faria sensação... mais que não fosse pelas originalidades de Shaw. Ainda há dois anos, salvo erro, ali no Teatro Gimnásio vi muita gente irritada na noite da representação de «Catarina da Rússia» pela forma como a peça estava escrita e pela forma como foi representada e encenada.

Paivara, tinha imensa curiosidade em ver um filme com a colaboração de Shaw e assistir às reacções do público. Reparem que devia ser muito curioso.

* * *

Há dias, li uma crítica (?) a certa revista, onde, depois de se elogiar o bom gosto e muitas outras coisas que não existiam, se fazia, com ar moralista e conselheiral, o seguinte reparo: a rábula em que se critica o cinema nacional é violenta, demasiadamente violenta.

Ora essa rábula, além de ser uma das pouquíssimas coisas com espirito na tal revista, tem um fim de verdade e de justiça.

Ridendo castigat mores, diz o provérbio latino. E às vezes uma boa piada vale por um mundo de argumentos, persuasivos e fundamentados...

TELMO FELGUEIRAS

A GEOGRAFIA A FLORA E A FAUNA, NOS NOMES DAS VEDETAS



SE alguém pretendesse demonstrar as vantagens enciclopédicas do cinema, devia começar pelos nomes das «estrélas». Por muito enraizado hábito, ou pelo muito simples motivo de que nunca estamos satisfeitos com o que possuímos — os artistas mudam de nome ao começar a carreira. O estudo dos seus nomes, depois de escolhidos é quasi um tratado de culinária cientificamente cinéfila.

* * *

Verifica-se, antes de mais nada, que

abundam os monossílabos e há firme simpatia pelas abreviaturas.

Clark, Kay, Fred e todas aquelas inumeráveis Joans e Jeans da Cinelândia, provam, monossilábicamente, o carácter práctico dos americanos, baseado, como tudo que é práctico, na lei do menor esforço. Katherine Hepburne, vale tanto como «Kat» e Douglas Fairbanks não vale mais que «Doug».

As sínteses ajudam a vida e Marlène não teria metade da fama, se a conhecessem, pelo vulgar Marie Hélène.

* * *

Mas procuremos outras «paisagens» de mais forte novidade. Estudemos geografia: aqui está Dolores del Río e a senhora Rocha que é como quem diz Rochelle Hudson. Hudson baía, rio e, ainda por cima, a marca dum automóvel, não pode ser mais geográfico, como não pode ser mais de calendário a senhora Junho ou June, Lang.

Fale-se ainda, para evocação de naufrágios, no Jorge Jangada, vulgo George Raft.

* * *

Não deve ser sem desgosto profundo que os amadores do bom queijo Chester — e já estamos no campo doméstico — viram o precioso nome anteceder o apelido do sr. Morris, porque, na verdade, esqueceu-se o queijo para se lembrar o actor que aqui — para nós — também tem cara de queijo.

* * *

A história da Inglaterra representa-se, na política, por intermédio de Mac-Donal precedendo Jeanette e na marinha pelo Nelson anteposto a Eddy. Nada mais é preciso, com efeito, pois é sabido que o melhor da história inglesa é a política e a marinha. Lembro, ainda, política balcânica, o Carol da senhora Lombard.

* * *

No estudo da flora tudo é delicioso. Começai por esta encantadora Jean Parker que podeis traduzir como Joana Guarda do Bosque e lembrai-vos dalgumas imagens do «Sequoia»!

Estudai agora — sabeis quem? — a Ginger Rogers. Nada mais botânico: ginger é aquela formidável gengibre, creio que com flores vermelhas, donde se extrai uma terrível cerveja, vencedora de todas as sêdes e de todas as resistências. Ainda aqui está a verdade, pois todos sabem como a Ginger é irresistível. Seria tolice, uma vez que se fala de botânica esquecer a primavera. Que símbolo encontram para esta preciosidade? Um só melhor do que os outros — Merle Oberon.

Esquecendo já os seus olhos orientais e evocar todo o cromatismo exótico do Japão e da China, quero lembrar que Merle (melro) evoca, por si só, toda a alma da estação florida, todos os cantos da Natureza, toda a luz das manhãs orvalhadas, a pureza diáfana de risinhos idílios, contada em «gargalhadas de cristal», como disse o Junqueira. E Oberon? Oberon que nos evoca a música da ópera de Weber e aquele rei dos elfos?

* * *

E, uma vez que nos aproximamos da mitologia, reparei no paganismo exótico de Myrna; na doçura de Elissa, antes de Landi que traduz, talvez, alguma deusa doméstica do mundo romano. Houve, também, noutros tempos, uma Diana Ellis, e agora há a Diana Cook, e ainda a Diana Wynyard da «Cavalgada».

Sally, que juntamos a Eilers, mostra-se um pouco confuso. Shirley tem também a seu quê de exótico e junta-se a Temple. Que vem a ser isto?

Muito simplesmente, templo — e a graciosa meúda, com efeito, é um templo de ternura e alegria — ou então é aquele «Temple» de Londres, que muitos estudantes ingleses conhecem.

* * *

Passando ao mundo das pedras preciosas ainda aqui encontramos exemplares da Cinelândia.

Os filmes de «cow-boys» conhecemos, durante muito tempo, Pearl White que, como pérola branca e valiosa, era constantemente roubada, sequestrada, sujeita às mais variadas torturas — talvez para ver se era falsa.

FERNANDO GARCIA.

(Conclue na página 15)



A FUGA

com Johnny Weissmüller
o verdadeiro
TARZAN
e o criador de
TARZAN
HOMER MACAG
TARZAN
E A COMPANHIA

DE TARZAN

um filme do ano
ARS GRATIA ARTIS
Metro Goldwyn Mayer
M.G.M.

Helen Twelvetrees

Helen depressa transpôs, e assinou um contrato com a «Fox». Foi para Hollywood, e aí filiou obras como «The Ghost Talks», «True Heart» e «Blue Skies».

A sua reputação correu por toda a parte. Estava ali uma nova vedeta! Outras firmas disputaram-na. E, «Um Valente!», veio consagrar-la definitivamente como uma artista, com quem, de futuro, se podia contar.

*
* *

Abandonando definitivamente o teatro, Helen Twelvetrees desprezou as propostas miríficas de Broadway, e preferiu dedicar-se ao cinema. Actualmente, vive uma existência doce e tranqüila num «cottage» delicioso em Brentwood, a dois passos de Santa Mónica.

*
* *

Helen Twelvetrees criou fama, em Hollywood, de ser uma das mulheres trágicas da tela. A sua face sabe reflectir os mil «nuances» duma alma torturada pela amargura. A sua ambição, hoje, é poder encarnar uma figura que lhe dê margem a impôr-se!

Helen, diz: «Nunca teria tentado o cinema, se me convencesse que teria de encarnar sempre papéis «mornos». Detesto personificar essas rapariguinhas ingénuas e simples, que pouco mais sabem que sorrir e deixar-se abraçar ternamente... Anseio por poder viver na tela a figura duma rainha sofredora, dessas figuras de mulher que abundam na História, ou então personificar uma amorosa infeliz».

*
* *

Charles Boyer declarou um dia, quando foi colega de Helen, nos estúdios da «Fox»: «Não sei o que tem esta rapariga?!... É bonita, elegante, e encantadora! Mas há milhares de raparigas em Hollywood com semelhantes predicados, e poucas terão o poder de atracção que esta tem».

A característica dominante de Helen Twelvetrees é, com efeito, a sua simpatia, o seu poder insinuante. Nos estúdios, todos a adoram. E conta-se até que, quando, há tempo, esteve gravemente enferma, nunca Hollywood se mostrou tão interessada por uma vedeta, como por Helen, nessa ocasião. O seu regresso ao estúdio foi festejado com um banquete, onde compareceu todo o pessoal.

*
* *

Assim, Helen segue o seu caminho. A curva que descreve é ascendente. A trajectória não pode ser melhor. E, entretanto, os leitores decorem o seu nome e não se esqueçam de que, dentro em breve, figurará entre o das vossas favoritas.

R. S.



Trágica da Tela

LEMBRAM-SE de «Um Valente», um filme de Tay Garnett, que um belo dia o Condes exibiu, sem apregoar como se impunha a sua classe excepcional — mas que o público «descobriu» e consagrou com a sua presença entusiástica?! Era um filme admirável. A acção desenrolava-se num pórtico das Antilhas, na atmosfera irrealizável dos «cabarés» baratos, cujo ar densíssimo, estava carregado de fumo e de emanações febris. O «clima» estava focado e tratado de forma notável! Todos os intérpretes representavam, ou, melhor: viviam os seus papéis à maravilha, e a luta final ficou entre os clássicos do cinema. Além de Ricardo Cortez, com nome feito nas lides do estúdio, a distribuição englobava os nomes dum par encantador e desconhecido. Ele chamava-se Philipps Holmes. Ela, Helen Twelvetrees, graciosa e gentil, de face torturada e inquieta, reflectia admiravelmente o estado de alma duma rapariga perdida nos «bes-fonds» dum pórtico dos trópicos.

Philipps Holmes seguiu, depois, o seu caminho. Hoje, é um artista que o público aprecia. Helen Twelvetrees não se perdeu também no labirinto do esquecimento.

*
* *

Nasceu em Brooklyn, numa noite de Natal. Estudou no Brooklyn Heights Seminary. E, depois de haver seguido o curso da American Academy of Dramatic Arts, passou a fazer parte da «troupe» teatral de Stuart Walker. Foram inúmeras as decepções, que experimentou, nos primeiros tempos. Um belo dia, cansada e desanimada, teve a sorte de encontrar, por um dos caprichos da sorte, o homem de que havia de depender a sua vida.

Sonhadora e inquieta, Helen Twelvetrees, certa manhã, nos bastidores dum teatro, ouviu alguém que a chamou.

— Pst! Venha cá.

— Quem? Eu? — interrogou ela, surpreendida.

— Sim!

Dócil, obedeceu. Quando chegou ao pé do seu interlocutor, elle disse-lhe:

— Aqui tem uma «tirada». Dou-lhe uma hora para a decorar. Depois cá virei ter consigo.

Helen pegou no papel que lhe estendiam. Era uma passagem da célebre peça de Teodoro Dreiser «An American Tragedy».

Sessenta minutos depois, o homem ia ter com ela:

— Vamos lá a ver isso...

E Helen Twelvetrees portou-se de tal forma, que Horace Liveright, o célebre empresário — pois não era outro o seu interlocutor — a contratou imediatamente.

Depois de «An American Tragedy», sucederam-se outras peças, «Yen», «Roulette», «Broadway», que confirmaram o crescente renome de Helen Twelvetrees.

*
* *

Da cena ao estúdio, vai um passo apenas.

Os nossos filmes

FINLÂNDIA. O país dos lagos tranquilos e das florestas silenciosas. Os russos dominam. E os finlandeses, no início do século XX, iam ter chegado a hora de se revoltarem contra o jugo do opressor. A revolta estala, com fragor. Um homem foge através da floresta. É perseguido pelos cossacos. Está ferido. O sangue empapa-lhe a camisa, na altura do ombro. Aos seus ouvidos, parece-lhe soar o juramento de fidelidade e ele presta perante um dos dirigentes do movimento libertador. O fugitivo é Collen (Jean Galland), o herói. Passa um carro. Salta para cima e esconde-se. A carrimana vai entrar na cidade de Helsingfors. À beira da estrada, uma moradia branca, iluminada. Collen salta do carro e trepa as janelas.

* * *

Os salões iluminados estão em festa. Tatiana Fedorovna (Lillian Harvey), a mais linda dona daquela principescas «villa», a bailarina russa, que tem a sua casa em Helsingsfors, dança em honra dos seus convidados, na sua sala de recepção oficial russa. No instante em que um dos jovens admiradores de Tatiana vai fazer-lhe a declaração de amor, o governador de Helsingfors, o conde Abaroff (Jean Worms), o mais fervoroso dos admiradores da bailarina, abeira-se do conde, sorridente e feliz. É inteligente, elegante e faz a Tatiana uma corte bastante discreta... Tem fé em que um dia terá o prêmio da sua constância... Mas não se importa de enfileirar o nome dos admiradores e procura que não o esqueça, enviando-lhe, diariamente, um ramo de rosas negras.

* * *

Quando Tatiana sobe ao seu quarto para mudar de trajo, encontra-se em casa de um visitante inesperado. É um homem desconhecido, que procura um revólver. É o conde que Tatiana o pôe fora dali, Collen, ferido, sai do seu esconderijo, atrás da cortina. O seu olhar suplicante pede a Tatiana de o denunciar. Ela leva a sua dedicação até o ponto de pôr a verdade, que o perseguia, na presença do governador, para que este os mande embora.

E quando os convidados dão a festa terminada, Tatiana Fedorovna corre para junto do seu protegido. Collen esconde-se nos cuidados desta mulher encantadora, que o trata com discrição e carinho. Escondido na «villa», Collen está em lugar seguro. Mas não pode sair porque a casa está protegida por sentinelas, que depressa o identificariam.

Comovida com as declarações de Collen e o seu espírito de sacrifício, Tatiana acede a ser portadora dum mensajagem do fugitivo, para um camarada seu. Um encontro com o governador, no decurso desta passeata matutina, quase a impede de se desempenhar da sua missão. Mas tudo se passa na melhor forma.

Collen quer juntar-se aos seus irmãos de armas. Mas Tatiana, apaixonada, implora-lhe que não vá. E Collen fica!

* * *

Sem se fazer anunciar, o governador entra no dia seguinte em casa de Tatiana e encontra Collen. A bailarina apresenta-o como o seu professor de dança. Ele não acredita, mas não se manifesta.

Delicadamente, mas com intimidade, Tatiana o leva para casa de Tatiana, não na rua, quando ele se julgava já convidado Collen a sair com ele. E de repente, mas com a recomendação expressa de não voltar a pôr os pés em casa de Tatiana.

* * *

Tatiana instala-se em casa de Collen, para enganar a polícia, que nunca deixa de o vigiar, se entrega à escultura, no seu pequeno atelier.

São felizes os dois!... A festa nacional aproxima-se. Tatiana e Collen vão às festas. Fogueiras iluminam a noite. O



ROSAS NEGRAS

amor da Pátria e da Liberdade eleva-se num hino nacional, cantado por milhares de vozes. Mas os russos não toleram essas manifestações. A multidão é dispersada pelos cossacos. Há mortes e feridos... O dia nasce sobre um verdadeiro campo de batalha...

* * *

Collen vê chegada a ocasião de agir. No dia seguinte, à noite, os conjurados espalham-se pela sala da Ópera. Os oficiais russos, presentes, deverão ser armados, de surpresa. O governador será feito prisioneiro. Tatiana, que teme pela vida de Collen, pede ao governador que não saia de casa.

Mas o governador é hábil, prepara o seu plano e vai ao teatro.

Quando Collen dá o sinal da revolta os cossacos armados saem dos bastidores, formam no palco e apontam as armas ao público. Collen e os seus são presos. O governador sorri, imperceptivelmente. Ganhador a partida. Tatiana está mergulhada no maior desânimo. Se fusilarem Collen, morrerá. Para salvar o homem que ama, acederá aos desejos de Abaroff...

* * *

Escutado, Collen é conduzido para bordo. Não percebe porque motivo lhe poupam a vida e se limitam a exilá-lo.

Tatiana, no caos, explica-lhe com uma piedosa mentira, essa mercê inexplicável.

Ansioso, o governador chega a casa da bailarina. Entra. Tatiana lá está no seu quarto, com a cabeça encostada às costas da cadeira, ao pé das rosas negras, das suas rosas negras, que estão numa jarra, na mesa ao lado... «Tatiana! Tatiana Fedorovna!» Dormirá? Num relance, o governador compreendeu tudo. Chegou tarde! Aquela deliciosa rapariga, frágil como um «bibe-lot», não resistira ao tremendo golpe que sofrera — e não quisera profanar o seu amor, entregando-se a outro homem, ainda que para salvar aquele que verdadeiramente amara!

SEM queremos aventar hipóteses, que ainda podem falhar, estamos convencidos de que a obra de Georges Cukor já não perde o primeiro lugar na classificação dos filmes.

«Quatro irmãs», a produção maravilhosa de 1936, calou profundamente no espírito dos artistas de teatro, que lhe não renegaram os seus aplausos e elogios.

Entretanto prossigamos o nosso inquérito, ouvindo

Luiza Satanela

A simpática artista do teatro ligeiro, encontra-se actualmente no Trindade, onde se representa uma revista, com pretensões de «cinéfila».

Na realidade, enquanto aguardávamos

de que estamos ante uma rapariga que dispõe duma interessante cultura cinematográfica. A sua gentileza para connosco, mais nos cativa.

— E os seus actores predilectos? Rápidamente, certa de que os nomes que vai citar são autênticos valores da arte a que tanto quer, revela-nos os astros que têm a sua admiração.

— Clark Gable, Charles Boyer e Gary Cooper.

António Sacramento

Actor do teatro português que goza de justificada reputação, dada a sua excepcional envergadura de artista.

Agora, que no nosso país tanto escasseiam os valores da cena, António Sacramento, englobado na brilhante companhia de Amélia Rey Colaço, fir-



Fêz parte integrante da primeira tentativa, numa escaramuça de grande magnitude, interpretando o protagonista do *Diogo Alves* em que tomavam parte, Nascimento Fernandes, Lino Ferreira, — que era o realizador, — Luz Veloso, Tomaz Vieira, Artur Rodrigues, Narciso Vaz, Avelar, Lima Teixeira, Mário Veloso, Miguéis, Tavares, e Eduardo Vieira, que se naturalizou brasileiro para poder ser professor do Conservatório do Rio de Janeiro. O filme, porém, não foi terminado. Os tempos eram outros... Mas, segundo nos afirma Carlos Leal, não foi por motivos de ordem financeira que *O Diogo Alves* não se acabou, mas sim pela falta de competência na direcção: — andava-se nos primeiros passos... Havia, porém cenas magnificas, e os fotógrafos que eram Cardoso e Correia, ao tempo estabelecidos, na rua



QUAL FOI O FILME DE QUE MAIS GOSTOU?



que Luiza Satanela saísse da cena, chegou-nos aos ouvidos uma amalgama musical, onde se destacavam alguns compassos de partituras de filmes.

Ainda não nos dispusemos a assistir ao desenrolar da tal revista cinéfila. Não sabemos, pois, onde residem motivos cinematográficos que justifiquem as pretensões da peça.

Mas o quadro acabou. Já as «girls» (valerá a pena falar mais uma vez da aflitiva falta de ginástica que têm as nossas coristas), desciam as escadas do palco, em tropel e confusão, quando, Luiza Satanela, a gaia Luiza, nos surge cada vez mais moça, e mais dinâmica, um pouco fatigada, pelo esforço que acaba de dispendir num quadro bulicoso, ao qual dá toda a sua alegria e entusiasmo. Satanela pensa na resposta a dar-nos.

Por fim, satisfaz a nossa curiosidade, apontando os seus filmes favoritos: *Mascarada, Canção do Triunfo e Rainha do Bairro*.

Quanto a actores, inclina-se para Clark Gable, Frederick March e Nino Martini.

Louvámos-lhe a ideia de não esquecer o seu compatriota, que recentemente tão grande êxito alcançou entre o público português.

Irene Isidro

O camarim de Irene Isidro tem requintes de beleza, que o tornam agradável aos olhos. Um ramo de flores perfumadas e policromas, dá-lhe uma nota de doce feminismo.

Irene recebe-nos com simpatia. Adora o cinema e faz todos os possíveis por não perder um filme de cotação.

A sua opinião, incidiu sobre as obras: *Diário duma apaixonada, As 4 irmãs e Parada Maravilhosa*, dá-nos a certeza

ma-se como homem de talento que sabe representar e dizer.

Dentro do seu passado artístico, Sacramento tem recordações gratas do cinema. Na *Canção do Bêrço*, foi êle uma das poucas coisas boas que o filme nos trouxe.

Ouçamo-lo: — Embora o teatro pouco tempo me deixe livre, faço os possíveis por não perder um filme de classe.

Já algumas vezes me tem acontecido entrar no cinema, após a primeira parte do filme ter sido projectada. No entanto, do bom cinema que vi, quero destacar: *O pão nosso de cada dia, As 4 irmãs e Os lanceiros da Índia*.

— Das actrizes, cito-lhe aquelas que mais me têm emocionado:

Helen Hayes, Greta Garbo e Jean Parker.

Maria Brasão

Fazer a sua apresentação, é desnecessário. Maria Brasão é um nome conhecido de toda a gente que se interessa por arte. 100% feminina, surge-nos, no palco, envolta por uma suavidade de encanto que a torna numa das mais belas actrizes do nosso teatro ligeiro.

Camarada simpática, sempre com um dito espirituoso para amenizar uma conversa ou fazer duma entrevista em forma um colóquio agradável, Maria Brasão dá-nos as suas opiniões cinematográficas com um à-vontade que lhe é natural.

Os três filmes que mais a sensibilizaram: *As 4 irmãs, Véspera de Combate e Voando para o Rio*.

— E os seus actores favoritos? Enquanto arranja a caracterização, responde-nos:

— Charles Boyer, Gary Cooper e Harry Baur.

Para fecharmos a 4.ª fase do nosso



inquérito, urgia ouvir alguém que alegrasse a página. E o mais indicado, já que no Trindade nos encontrávamos, era ouvir o «Camaradão Nacional» que conforme sabem é o

Carlos Leal

O mais popular dos nossos actores populares, é um artista que, no seu dizer, abomina o adjectivo. E o «ês» dos «compêres» e como diz o programa do Teatro da Trindade, «tem o segredo de andar na vida com optimismo e de acompanhar com o ritmo alegre das coisas facets». Pois o Carlos Leal, o rei da alegria, é cinéfolo! O cinema é-lhe indiferente, porque, diz: — é o maior inimigo do Teatro... E, entretanto, o querido actor das plateias populares, é um dos precursores do filme nacional.



da Palma, com um «atelier», que ainda hoje lá existe, mas com outro proprietário, — eram hábeis, e como tinham tomado contacto em Londres com a especialidade, — empregavam esforços para que o filme resultasse. Tudo, entretanto, sossobrou.

Perguntámos, depois, a Carlos Leal, quais os filmes que mais lhe agradaram; — um tanto contrariado, e até mal humorado... respondeu que lhe estávamos a preparar uma «rasteirinha» para o agarrar para o inquérito em marcha, nas nossas colunas! Insistimos... e então, afirmou-nos textualmente: — «ó meus caros senhores, — eu não sou cinéfilo; vou, de vez em quando ao cinema, quando não tenho para onde ir, ou quando sou forçado a acompanhar minha mulher, que é cinéfila dos quatro costados... Sou tolerante, até em materia religiosa, — compreende».

Mas vi e apreciei alguns filmes que me pareceram bons, com Emi Jannings, Greta Garbo, Ramon Novarro, Marlène Dietrich, o famoso Charlot, Charles Chaplin, — os Carlos são algo infelizes... Jimmy Savo, leva-lhe vantagem. Pamplinas, que reputo um fenómeno, Edward Robinson, e alguns outros cujos nomes não retenho, — tendo-me maravilhado com os formidáveis intérpretes do «Sansão», há pouco exibido no Tivoli. E não insista mais...».

Mas ao menos, diga o que se lhe oferece sobre os filmes portugueses e seus intérpretes: — Carlos Leal, carrega a órbita, e conclui: — Os camaradas patrióticos?!... O senhor já foi ver ao Trindade, a revista «Estrélas de Portugal» — Então, vá!... É um revistão!

E com o depoimento do «Camaradão Nacional», findou mais esta passagem do nosso inquérito.



Uma imagem de Verão! Robert Taylor e Janet Gaynor fogem da cidade, vão até ao mar, e falam de amor ao som das ondas, que se quebram nos penhascos. Uma cena de «A pequena da Província» (Small town girl), que veremos na próxima época

O Assunto, “Elemento Cinematográfico N.º 1”...

A O assistir à passagem dum filme, o público pode distrair-se com a bizarria ou o exotismo dos cenários, deixar-se enlevar pela beleza ou originalidade dos personagens — mas só se interessa verdadeiramente quando o tema escolhido aborda os sentimentos e paixões em que o homem se debate na processional sucessão dos dias.

A salva de palmas com que se recebeu «Médicos de hoje» tem essa explicação. A boa execução do filme e o esplêndido trabalho aos intérpretes não eram motivos suficientes para que a plateia, por natureza avessa a grandes exteriorizações, tivesse perdido a sua grave compostura habitual.

O assunto é que prendeu, desde logo, todas as atenções.

Mais uma vez o cinema americano nos mostra que um filme comercial não tem que ser necessariamente imbecil.

Dois homens gostam da mesma mulher...
— O quê?! Dirá o leitor boquiaberto, com a «originalidade» do tema.

É que há mais alguma coisa por detrás deste banal conflito amoroso; raras vezes, como em «Médicos de hoje», o cinema americano enfrenta tão corajosamente o caso do homem que defende a sua dignidade contra o meio que tenta arrastá-lo por outros caminhos mais cómodos.

E um dos aspectos imorais que esta tula apresenta é precisamente este: de

serem mais cómodos os «outros caminhos»...

A mulher aparece no filme com um prémio que se oferece à virtude. Ao sópro da indignidade, o amor arrefece. A mulher do «gangsters» acaba sempre por denunciar o companheiro.

Dissemos que é corajosamente que o cinema americano apresenta o caso do homem que defende a sua dignidade. Não exageramos.

Pois não é surpreendente que seja da América, onde há uma hierarquia social com base exclusiva no dinheiro, que venha a afirmação de que o império do dinheiro tem limites muito acanhados?

Ainda há pouco tempo, um compatriota nosso, recém-chegado da laboriosa colónia portuguesa de New-Beldford, nos dizia: — «lá, tanto vale um engenheiro como um sapateiro; o que marca é a quantidade de dólares que cada um alcançou. Uma vez, ouvindo falar dum indivíduo, procurei informar-me a seu respeito: 250.000 dólares, responderam-me. E ficou logo o homem identificado».

E o que nos diz «Médicos de hoje»? Que há pessoas que têm muito valor e poucos dólares. Ainda mais: que ter muitos dólares não é título suficiente para se exigir a consideração de toda a gente.

Decididamente o filme é mais que corajoso, é revolucionário!

O problema da dignidade do homem

atinge, nos nossos dias, uma acuidade extraordinária — e interessa muito directamente a cada um.

A crise de carácter, de que hoje tanto se fala, resulta naturalmente do sentido vago, quasi incerto, que se concede à dignidade individual.

E são fáceis de calcular os prejuizos que, dum tal incerteza, advêm para a vida duma nação, nomeadamente no campo social.

Para nós, temos que um homem digno é aquele que não transige com aquilo que, em seu fóro íntimo, condena.

Manter essa posição e, simultaneamente, acudir à necessidade de comer, vestir e calçar — eis a legenda heroica do homem sério dos nossos dias!

Não sabemos se pecamos por optimistas, mas esta produção «Médicos de hoje» é um esperançoso sintoma duma saudável reacção.

Porque a empresa que se abalançou a realizá-la sabia, com certeza, de antemão, a recepção que lhe havia de ser dispensada pelo público.

Anteriormente, já nos tinham sido presentes filmes americanos que constituíam verdadeiros hinos à bondade; mas, logo se adivinhava serem hinos protestantes, com aquele aborrecido ar de «menino-de-cinco-anos-que-tem-já-muito-juizo».

Ao passo que «Médicos de hoje» é um filme sincero. Por isso, venceu.

Vê-se nitidamente, não só neste filme

como em muitos outros, mormente nos que apresentam a extensão do mal do banditismo, o propósito meritório do cinema americano de desempenhar um papel útil na sociedade.

Sem deixar de satisfazer o gosto do público, vai-lhe afinando a sensibilidade, corrigindo inclinações más, e criando, assim, um estado de espírito que leve ao repúdio do que é contrário a uma sã moral.

E entre nós?...

Entre nós, os propósitos não são tão levantados.

É ver uma revista, das chamadas populares. Há graças escultadas para os camarotes, para as cadeiras e para a geral: subserviência total.

Vai-se ao encontro de tendências doentias; muitas vezes se chega à perversão do bom gosto, para não dizer que se excedem os limites do decóro.

Pois quê? Não há outra maneira de «satisfazer» o público?

E noutros sectores de actividade artística muito haveria também a dizer. Mas, «felizmente», o espaço escasseia.

E depois para que falar em coisas tristes, que todos nós conhecemos de cor e salteado?

Pois, apesar de tudo, o cinema continua a ser apontado, de preferência, como uma imoralidade, sem ao menos se destruir o trigo do joio.

Já é azar...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Jean Notzel faz uma saborosa salada, auxiliado por estas ajudantes «first class»...

Carta do Porto

Propaganda, muita propaganda

RECONHECE-SE dia a dia, e cada vez mais, a necessidade imperiosa dos exibidores cinematográficos, dos empresários, organizarem uma intensa campanha pró-cinema.

Adormecidos de há muito sob os louros colhidos, os exibidores não têm acompanhado as evoluções naturais da hora que passa, não se têm identificado absolutamente com as necessidades do momento, com as exigências da época. Ora o espectador, o grande público vive uma maré-alta de distração, vegeta numa modorra, num quasi desinteresse por todas as manifestações de arte. O cinema não podia fugir às consequências desta apatia.

Como a actual geração cinéfila foi fundada há anos, com o entusiasmo do advento do sonoro, o seu quantitativo não tem sofrido um aumento sensível por falta de qualquer coisa que chame a atenção dos profanos e daí os empresários queixarem-se duma crise que, se existe, é unicamente por culpa sua.

Reportamo-nos apenas ao que se passa nesta cidade, a segunda praça cinematográfica portuguesa, mas, não nos parece que em quaisquer outros centros, maiores ou menores, o problema adquira aspectos diferentes.

Lateja, palpitante, a necessidade duma intensa, duma profícua propaganda, em volta do cinema em geral, e de cada casa em particular.

Existe aqui um saúo a que o público, em outros tempos, deu uma isingeira preferência e onde o cinema silencioso viveu noites de verdadeiro triunfo.

Essa interessante «boite» pela falta absoluta duma propaganda intensa perdeu todos os seus «habitués», entrando num terrível círculo vicioso. Não faz propaganda porque a receita não dá para isso, mas, não dá para isso precisamente porque não se faz propaganda.

Em proporção à sua população, o Porto não tem cinemas de mais, presentemente os arredores estão em directa, rápida e barata comunicação com o centro da cidade, apenas os empresários não têm sabido manter e muito menos aumentar a corrente do público para as suas casas.

Numa das nossas últimas crónicas apontámos já a necessidade que há de se fazer cinéfilos. Essa necessidade verifica-se e aumenta de dia para dia,

como a consequência natural das exigências do momento.

Que ponderem nesta grande e inconciliável verdade os empresários da nossa Terra, na certeza antecipada de que se trata dos seus interesses em particular e da arte em geral.

Os teimosos do celuloide

O leitor deve conhecer uns bonecos de celuloide que têm na base uma meia esfera de chumbo que lhes permite estar sempre em pé e a que o vulgo chama teimosos.

Peia analogia que existe entre esses bonecos que foram feitos para estar em determinada situação e nada há que os faça mudar de posição, pelo peso de chumbo que têm no pé, e uns certos cinéfilos que têm idêntico peso de chumbo, mas na cabeça, há quem lhes chame «os teimosos do celuloide».

Insistem eles em quererem, a todo o transe, que se faça cinema com especias tendências espirituais, esísticas e sociais, sem se recordarem que o público, o grande público, só muito raras vezes acorre a ver esses filmes.

Não tem o espectador português, e muito menos o portuense, de uma maneira geral, um nível de cultura que lhe permita saber ver e apreciar esse género de filmes.

O insucesso de bilheteira de «A tragédia da mina» ficou como um padrão a marcar a inconsistência prática dos argumentos desses teimosos que não querem ver as coisas ou persistem na sua obsessão, apenas, por snobismo.

Não se lembram estes obstinados defensores das utopias cinematográficas que o cinema é uma arte para todos, para gente de todas as culturas e condições sociais, não havendo, no nosso país, uma tendência especial para qualquer género.

Quantas vezes alguns bons psicólogos têm procurado auscultar a opinião pública cinéfila para lhe descobrir uma tendência, uma corrente, e sempre baladamente.

Apenas não querem ver isto, não querem compreender esta grande verdade aqueles que hoje são conhecidos e cognominados, com toda a propriedade, pelos «teimosos do celuloide».

Cinemas que vão fechar

Deve ter terminado ontem no São João, a exibição de «O Trevo de 4 fo-

lhas», depois de cinco semanas de assinalado e consecutivo êxito. No momento em que escrevemos está estabelecido, em princípio, que este fonofilm continuará em exibição no cinema Águia d'Ouro.

O São João Cine fecha agora as suas portas até à inauguração da próxima temporada de inverno.

O cinema Trindade deve também, dentro de algumas semanas, encerrar, parecendo estar posta de parte a ideia de serem feitas umas curtas temporadas de «réprises».

Cinema no Sá da Bandeira

O Teatro Sá da Bandeira, a única casa de espectáculo que parecia nada querer com a arte da imagem animada, acaba de inaugurar uma temporada cinematográfica a preços absolutamente populares.

Pela variedade dos filmes que tem apresentado em estreia, pela sua localização e, sobretudo, pela modicidade dos preços, tem tido uma razoável concorrência, a despeito de estarmos na altura do ano em que os cinemas menos frequência registam.

Manias infensivas

Existe nesta cidade um número apreciável de cinéfilos e uma quantidade incomensurável de cinéfilas que não são capazes de adquirir um livro sobre cinema, nem de comprar uma revista cinematográfica, mas, possuem formidáveis colecções de artistas.

Poderá ser uma mania, um vício ou uma doença, que não deixa de, de qualquer maneira, ser curiosa e que denota uma paixão a que não falta uma tendência romântica.

No entanto os coleccionadores mais fervorosos são os das fotografias com autógrafos.

Estas pessoas gastam quantias apreciáveis em correspondência e há-os que chegam a enviar às estrelas pequenas lembranças só para conseguirem o almejado retrato autografado.

Ainda quando da estada aqui do popular actor Henry Garat, este artista foi vilimado dum torcido tiroto das admiradoras que logo fizeram para conseguir enriquecer a sua colecção.

E na hora da despedida, na estação de S. Bento, uma senhora que, como muitas acorrera ao bota-fóra, como não conseguisse o ambicionado autógrafa, quando o «sud» partiu, entre saudosos adeus, pela face linda corriam-lhe abundantes lágrimas.

A quanto obriga a paixão dos autógrafos...

Preços populares

O cinema a preços reduzidos está a tomar, no Porto, uma extraordinária expansão, quer nos espectáculos de estreia, quer nos de «réprises».

Procurar interessar as classes menos abastadas pela sétima arte, dando-lhes espectáculos a preços módicos, parecidos constituir um dos bons processos de propaganda da sétima arte.

Há, no entanto, quem discorde. Na verdade, nos grandes centros estrangeiros, os preços dos cinemas de estreia, cinemas que não exibem melhores filmes do que os apresentados em Portugal, são muito mais elevados do que aqui. Daí quando são apresentados em «réprise» haver uma enorme diferença nos preços, o que não se verifica no nosso país.

Quanto às estreias há quem garanta que, dadas as lotações dos nossos cinemas, aos preços porque se estão realizando os espectáculos populares, não há possibilidade de se apresentar filmes de razoável categoria e daí a sua inferioridade artística.

De qualquer das formas parece-nos que não deixa sempre de constituir um bom meio de propaganda o cinema a preços baratos. E de resto, estabelece até o princípio da categoria. Quem for despretençoso tem cinema barato, quem quer ver melhor paga um pouquinho mais caro.

Assim, contentam-se todos.

CARLOS MOREIRA



Como V. Ex.^ª pode ter, agora, uma pele de brancura deslumbrante... e sem mais pequena mancha!

Eis um meio fácil e seguro para uma morena ter uma bonita pele branca e limpa e para uma loura preservar a sua delicada pele das sardas, das rugosidades e de outras imperfeições. Quando o jasmim e a rosa deram ao perfumista a essência do seu perfume, ficou uma linda cera untuosa que, durante muito tempo, se julgou sem importância. Visitando um laboratório de destilação de perfumes, um especialista de beleza parisiense, bem conhecido, ficou impressionado com a extraordinária branqueadora do rosto e das mãos das mulheres que mexiam nessa cera residual. Então, descobriu-se que ela não só branqueava a pele, como também suprime o excesso de pigmentação, fazendo assim desaparecer o aspecto terrroso ao rosto, as sardas e as imperfeições que se manifestam na cara. Combinada com outros ingredientes preciosos que embelezam o rosto, pode-se obtê-la agora em todas as perfumarias e boas casas do ramo, sob o nome de «Cire Aseptine». Não encontrando, escreva à Agência Aseptine—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

Compre um tubo, hoje mesmo, e contenta que lhe torne a pele clara, fresca e rosada. Um bom êxito é assegurado, porque, em caso contrário, restituí-lhe-íamos o dinheiro que gastou.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

MANUCURE, Massagem das mãos, correcção de sobrançelas, desaparecimento dos pêlos por métodos modernos

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

TELEFONE 2 1866

LISBOA



MCCAMPOS

«Tempos modernos» na Rússia

Desde que uma comissão de cineastas soviéticos, que havia ido a Hollywood assistir a uma exibição privada de *Tempos Modernos*, a convite do próprio Charlot, regressou ao seu país, cantando e cantando as maravilhas do novo filme de Chaplin, a expectativa popular, pela nova película do criador de *A Quimera do Ouro* assumiu formidáveis proporções na U. R. S. S.

A estreia de *Tempos Modernos* em Nova-York, poucas semanas depois, avivou ainda mais o interesse que havia por este filme. A agência jornalística russa de Nova-York, telegrafou extensas reportagens do acontecimento, e fez a crítica mais extensa, que se tem consagrado a uma produção cinematográfica.

Em consequência disto, está já assente a estreia do último filme de Chaplin, e bem assim de *Luzes da Cidade*, na U. R. S. S.

V. Verlinsky, o agente soviético que adquiriu os filmes, afirmou que o filme, feita a versão das pequenas legendas que inclui, será integralmente compreendido pelo povo.

É curioso sublinhar que são raríssimos os filmes estrangeiros, mórmente americanos, que a Rússia importa.

A influencia asiática nas modas

O famoso criador de trajos, Ernest Dryden, que desenhou os vestidos que Grace Moore enverga na *Princesa Encantadora*, está trabalhando actualmente na criação dos originais trajos para os artistas de *Horizontes Perdidos*.

Como se sabe, este filme desenrola-se nas mesetas misteriosas do Tibet.

Parece que o ambiente em que a história se desenrola influenciou este artista maravilhoso e é fácil notar o facto nas criações desenhadas, nos seus momentos livres, para as casas de modas. De «corte asiático» é a suave graça das suas túnicas e as linhas caprichosas dos chapéus inverosímeis, enriquecidos de penas, e bem assim os cálidos tons de bordados magníficos, que prodigaliza tanto nos fatos de passeio, como nas grandes «toilettes» de noite.

E aqui está como um filme tem uma influência decisiva nas modas femininas.

Os nomes das vedetas

(Conclusão da pag. 7)

— e por fim liberta em titânica luta de laços e murros com cavalos à mistura.

A última pedra preciosa cinematográfica é Ruby Keeler, o qual na sua qualidade de Keeler, trabalhador de barcos, cai também no domínio das profissões.

* * *

A propósito de profissões, e uma vez que já falámos em Parker, guarda florestal, em Keeler, trabalhador de barcos, citemos o taneiro Gary que mais vulgarmente chamamos Gary Cooper. Considere-se ainda cavaleiro como uma profissão, para se poder englobar o Chevalier, e notemos que o mais interessante facto do nome do intérprete da «Viúva Alegre» é estar intimamente ligado ao da companheira de Weissmuller nas proezas de Tarzan... Como? Apenas porque Maureen da sr. O'Sullivan é o feminino de Maurice.

* * *

E até latim se descobre nesta preciosa enciclopédia. Podeis declinar, se estais lembrados, o «unus», Una, «unum», por causa de Merkell e ainda Victor, «victoris», por causa de Fleming e tantos outros. Claro que Fleming (Flamengo) ainda poderia juntar-se a Chester, na classe dos queijos.

* * *

Não devíamos esquecer a fauna de que é um bom exemplar — sem ofensa, está bem de ver — o Leo, do sr. Carrillo. O rei dos animais como se verifica.

Também o Lupe que antecede Velez me deixa sugerir, embora sem absoluta convicção, lobo ou loba. Na hipótese de ser verdade, estamos todos de acordo em que tinha sido bem aplicado. Isto porque segundo consta, nem o Tarzan das feras chega para a dominar.

* * *

A série não fecha, nem podia de modo algum fechar aqui. Os nomes são muitos e eu não quero esgotar o assunto o que, aliás, também não conseguia.

Com certeza, há de vir nomes diversos, de novas «estrélas», a enciclopédia será aumentada, maior o campo para fazer comentários.

O que se há de verificar sempre é uma espécie de moda nos nomes dos astros da Cielândia. A mesma moda que fez esquecer as Marias e os Normas, e esquecer àmanhã as Joans e os Jeans que hoje fazem furor e a par dos quais existiram sempre os queijos, a geografia, a botânica, a mitologia, etc.... para dar um pouco do encanto perdido doutra maneira.

FERNANDO GARCIA

Caixa do Correio

A inúmera correspondência que, dia a dia, dá entrada na nossa redacção, leva-nos a criar esta secção, dentro das páginas da nossa revista, a fim de demorar o menos tempo possível a resposta, aos nossos presados leitores.

A maior admiradora de Garat. — Por motivos inexplicáveis só agora foi recebida na nossa redacção a carta que dirigiu a Fernando Garcia. Uma pergunta: Porque não escreve um artigo a justificar as razões porque admira tanto Henry Garat? Tudo indica — pela sua carta — que o possamos publicar.

Carlos Saldanha (Pôrto). — Como Vanise Meirelles é uma vedeta teatral não possuímos no nosso arquivo fotos que lhe possamos remeter.

De contrário, gostosamente o serviríamos. Muito obrigado pela justiça que faz à nossa revista.

F. Llorente (Lourenço Marques). — Vai ser entregue a Fuensanta Llorente a carta, que para ela remetem. Por sorte, ainda veio a tempo de a apanhar em Portugal, pois a simpática artista deixa o nosso país dentro de breves dias, por haver terminado a sua actuação em «Bocage».



Lil Dagover, uma das mais graciosas e elegantes vedetas do cinema alemão, como nos aparece num dos seus últimos filmes

Uma mulher turbulenta

É IS uma pequena história que se pode dividir em dois actos e vários quadros. Primeiro acto, na tipografia primitiva de mestre Calandrino. Estantes com manuscritos poreiros, caixotins, um velho prelo, etc. Ouve-se uma voz de mulher, que diz: «Estou farta desta vida». Segundos depois, um pote de cola, jogado com fúria pelas fráguas da mulher, descreve uma trajectória por cima do prelo e vai cair numa estante de papéis, sobre os quais derrama o seu pegajoso conteúdo. Dona Bianca não se contenta com o lançamento do pote. De mãos erguidas, em frente do marido, exclama colérica: «Ao casar-me contigo, se eu soubesse que eras tipógrafo e editor pelintra, outro galo te cantaria». Mestre Calandrino, em vez de exigir explicações acerca do galo, replica aparentemente indignado: «Os livros são o cérebro do mundo!». E Bianca replica: «Qual cérebro, nem qual carapuça! O que eu quero é um vestido».

Calandrino procura suavizar a coisa: «Tem paciência, menina. A tipografia ainda há-de dar muito dinheiro». Mas Bianca continua intratável: «Isso diz você todos os dias. O senhor Jerônimo, da loja de modas, não fia. E agora fique sabendo que eu vou lá comprar um vestido novo, e não quero mais discussões». Dito isto, Bianca dá dois passos para a porta, volta-se de repente e pergunta: «Compro um vestido azul, ou bege?». Mestre Calandrino suspira resignado: «Azul, menina!». Bianca responde: «Que homem! Dizes azul porque sabes que essa cor não me fica bem!». Bianca sai, atirando com a porta, e Calandrino senta-se num banco, cansado, contemplando as gólas de cola que vão caindo dos manuscritos da estante.

Segundo acto, na sala do Tribunal. Pelas janelas abertas ouve-se a eterna canção de Bocaccio, o galá mais popular de Ferrara, a cidade das mulheres

bonitas. Bianca e Calandrino postaram-se em frente da mesa do Tribunal. Ela de vestido verde com corações bordados, e ele com um casaco velho e um ar de profundo abatimento.

Bianca fala como uma catarata. «Pode uma mulher viver com um homem que não lhe compra nada? Para que são os vestidos bonitos e os «dessous» elegantes que estão na loja de mestre Jerônimo? E as rendas, e os bordados? Para que são, senhor Juiz? Dantes, eu não fazia caso dessas coisas, mas agora, que li os livros de Bocaccio, agora é que eu sei o que é amor. E agora é que eu sei que sou uma mulher incompreendida. Sim, senhor, o Calandrino, meu marido, ignora o que seja um coração de mulher». Bianca falou, e, cansada, deixa-se cair no banco com um amúo de dama ofendida. Calandrino aproxima-se para contestar. O chapéuzinho com a pena comprida treme-lhe no alto da cabeça. «Senhor Juiz, respeitáveis Magistrados! Peço justiça. Um cavalheiro qualquer que passa as noites a dedicar serenatas a esta minha senhora, perdeu no meu jardim este chapéu que aqui vêem. Exijo que o trovador delinquento seja severamente castigado com as maiores torturas». Bianca faz um gesto de indiferença e exclama:

«Um pequeno episódio romântico, senhor Juiz, e mais nada. Acaso não terei o direito de aceitar as serenatas de um cavalheiro simpático? O Tribunal acha que Calandrino não deu provas bastantes da infidelidade da esposa, e dá o caso por não provado.

Escusado será dizer que relatámos duas cenas para um novo filme «Bocaccio», e os esposos irreconciliáveis são interpretados por Fita Benkhoff e pelo popularíssimo Paul Kemp.

Berlim, Julho de 1936.

M. B. DE SANTOS E SILVA

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1327

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$00
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65\$00

Visado pela Censura

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 39 — 13 DE JULHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Maria Paula



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA